

Uncanny

Nº 2

REVISTA DE FILOSOFIA
E ESTUDOS CULTURAIS

Philosophy and Cultural
Studies Journal N.2

Português / English

Uncanny

Revista de Estudos Filosóficos e Culturais –
Philosophy and Cultural Studies Journal

Nº 2

Director

Paulo Alexandre e Castro

Redacção

Joana Esteves, Paulo Alexandre e Castro

Comissão Científica / Scientific Committee

Adelaide Susana F. Costa (Fac. Medicina UP / Inst. Bioética Univ. Católica - Porto/Portugal)
 Ana Lúcia Curado (ILCH - Universidade do Minho / CEHUM - Braga/Portugal)
 Anita Leirfall (University of Bergen - Norway)
 Bernhard Josef Sylla (ILCH - Universidade do Minho / CEHUM - Braga/Portugal)
 Carlos João Correia (Fac. Letras Univ. Lisboa / CFUL - Lisboa/Portugal)
 Dennys Garcia Xavier (Universidade Federal de Uberlândia - Brasil)
 Dina Mendonça (Fac. C. Sociais Humanas - Univ. Nova de Lisboa / IFL - Lisboa/Portugal)
 Edmundo Balsemão Pires (Fac. Letras da Universidade de Coimbra - Coimbra/Portugal)
 José Augusto Nozes Pires (Inst. Sup. Politécnico do Oeste-Lusófona - Torres Vedras/Portugal)
 Luís António Umbelino (Fac. Letras da Universidade de Coimbra - Coimbra/Portugal)
 Marcia Sá Cavalcante Schuback (Södertörns Högskola University College - Sweden)
 Maria Teresa Cruz (Fac. C. Sociais Humanas - Univ. Nova de Lisboa / CECL - Lisboa/Portugal)
 Olivier Feron (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Curitiba-Brasil)
 Paula Sibilia (Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro/Brasil)
 Paulo Alexandre e Castro (CFUL –Univ. Lisboa/ CEHUM – Uminho - Braga/Portugal)
 Paulo Alexandre Esteves Borges (Fac. Letras Univ. Lisboa / CFUL - Lisboa/Portugal)
 Raquel Sameiro L. Costa (DF - ILCH - Universidade do Minho / CEHUM - Braga/Portugal)
 Romy Castro (CECL - Fac. C. Sociais Humanas - Univ. Nova de Lisboa - Lisboa/Portugal)
 Sofia Miguens (DF - Fac. Letras da Universidade do Porto - Porto/Portugal)

Cover image: Image from painting by Romy Castro

Publishers: Croft Mazell Publishers

Printed by: CreateSpace

ISBN-13: 978-1514805558 [createspace-assigned]

ISBN-10: 1514805553

BISAC: / Aesthetics / Art / Philosophy / Literature / Culture

Bilingual Version: Portuguese / English USA

Latindex since 2014.

© Uncanny Journal & Croft Mazell Publishers
 First published 2015

Uncanny

Revista de Estudos Filosóficos e Culturais – Philosophy and Cultural Studies Journal

Nº 2

ÍNDICE - CONTENTS

Ensaios / Essays

- . Olá artistas! Se eu estiver enganado, “paciência”, ou a normalização da Arte 9
Hello artists! If I'm wrong, “whatever”, or the normalization of Art 21
Anselm Jappe
- . *Second Order Ethics* 31
Edmundo Balsemão
- . *From Cioran to The Philosophers and back again. What use to Political Philosophy?* .. 61
Viorella Manolache
- . Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre: entre o visível e a imaginação 75
Merleau-Ponty and Jean-Paul Sartre: Between visible and imagination 83
Paulo Alexandre e Castro

Em estudo / In Study

- . O uso da emoção e da música no cinema: o caso de *Requiem for a Dream* 93
The use of emotion and music in the cinema; the case of Requiem for a Dream 105
Cláudia R. Castro Pereira
- . Em torno do *Habitus* ou a educação 115
Around Habitus or the Education 125
Rita da Costa Tavares

Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre: entre o visível e a imaginação

Paulo Alexandre e Castro¹

Haverá em Merleau-Ponty uma teoria da imaginação? Ou poderá apenas haver uma simples teoria da imagem, e como poderá isso ser entendido na sua teoria geral da percepção? E no diálogo entre Merleau-Ponty e Sartre, não terá incorrido em erro Merleau-Ponty ao interpretar de forma equivocada o conceito de “consciência imagerizante” da teoria sartreana?

Devemos começar por advertir que esta análise parte das leituras efectuadas por Merleau-Ponty com base nos trabalhos pioneiros de Sartre, *L'Imagination* mas sobretudo, *L'Imaginaire*. Os dois trabalhos de referência de Merleau-Ponty para esta análise são, a obra *O Visível e o Invisível* (*Le visible et l'invisible*), e a leitura crítica que ele desenvolveu no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, números 9-10, em 1936.²

¹ Membro investigador do CEHUM (ILCH) da Universidade do Minho (Braga-Portugal) e do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (Portugal). Para mais informações do autor consulte a página em: <http://pauloalexandrecastro.webs.com>

² Falamos da recensão crítica de *L'Imaginaire* no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 33e année, N.º 9-(10, Nov-Déc., 1936): 756-761 [Merleau-Ponty, *Parcours 1935-1951*, Verdin, 1997, 27-54]. Uma recensão genérica que no entanto, segundo o redactor, aponta a pressa com que Sartre leu Bergson e Husserl (curioso que não mencione onde isso ocorreu): «On exagérait en disant que J.-P. Sartre est toujours équitable. Il est possible, par exemple, de trouver un sens plus profond aux "images" de *Matière et Mémoire*. On pourrait penser qu'en représentant le monde comme un ensemble d'"images", Bergson a voulu suggérer que la "chose" ne devait être ni résolue en "états de conscience" ni cherchée au-delà de ce que nous voyons, dans une réalité substantielle. Ce serait justement, dans un langage beaucoup moins précis, un pressentiment du *noema* de Husserl. De même on peut trouver que Sartre juge sévèrement la distinction de matière et forme dans l'image, quand il la trouve chez certains psychologues, et accorde trop vite à Husserl sa distinction de *Hylé* et de *morphe*, - un des points de sa doctrine qui ont été contestés en Allemagne même et offrent en fait le plus de difficultés. Mais ces injustices, s'il y en a, sont recouverts par les rares mérites de l'ouvrage: la rigueur et la vigueur de la pensée critique, le bonheur constant de l'expression».

Se no curto ensaio do *Journal*, Merleau-Ponty apenas se dedica a analisar a pressa de Sartre na leitura de Bergson e Husserl, é contudo no *Visível e o Invisível* – que tem por interlocutores precisamente Husserl e Sartre –, que Merleau-Ponty mantém um quase diálogo fixo com Sartre, fazendo-lhe constantemente referências ou traçando críticas à sua filosofia que apelida de “filosofia do pensamento negativo”.³

Para Merleau-Ponty a filosofia sartreana é uma filosofia que só pode sobrevoar as coisas (um sobrevoo) e por isso sobrevoará sobre o “mundo” sem nunca o atingir.⁴ Este pensamento de sobrevoo, é segundo Merleau-Ponty um pensamento que não chega para ou às coisas vivas, para os seres vivos, quer dizer, que não está enraizado, que não mergulha nas coisas. Assim, na analítica do *Ser e (d)o Nada*, de acordo com o autor, apenas se pode ter uma opacidade de pensamento que não nos conduz às coisas ou ao encontro com o Outro, com a verdadeira subjectividade, com o mundo real, uma vez que está instalada uma espécie de “visão pura” (isto significa que a visão não é uma relação imediata entre o *pour-soi* with the *en-soi*).⁵ Ora, não falha

³ Acerca do debate entre Merleau-Ponty e Sartre podemos ver (entre muitos outros) os seguintes trabalhos: John Stewart, *The debate between Sartre and Merleau-Ponty*, (Evanston, Illinoian: Northwestern University Press, 1998); o artigo de Sartre, «Merleau-Ponty vivant» in *Situations IV*, (Paris: Gallimard, 1964); a entrevista com Bernard-Henri Lévy, in *Magazine Littéraire* n.º 384, Feb. 2000, 22-27.

Acerca deste diálogo (que nem sempre é explícito) Merleau-Ponty na sua principal obra, *Phénoménologie de la Perception*, coloca na bibliografia os trabalhos existentes de Sartre à época mas não lhe faz qualquer referência nos capítulos da segunda parte (faz na primeira parte apenas e nem sempre de modo devido) como por exemplo, os capítulos «I. Le Sentir», «II. L'Espace» e «III. La chose et le monde naturel», que são os capítulos onde são analisados os conceitos de ‘movimento’, ‘alucinação’, entre outros e que Sartre analisou na obra *O Imaginário*. Não há, para sermos claros, qualquer referência aos trabalhos de Sartre e em vez disso, Merleau-Ponty cita, por exemplo, Minkowski, Schröder, Alain, Koffka e Straus.

⁴ See Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, trad. José Artur Gianotti e Armando M. d'Oliveira (São Paulo: Editora Perspectiva, 2000), 74. Publicado originalmente pela Gallimard em 1964.

⁵ «A visão não é relação imediata do Para-Si com o Em-Si; somos convidados a redefinir tanto aquele que vê quanto o mundo visto. A analítica do Ser e do Nada é aquele que vê esquecendo-se de que possui um corpo e de que aquilo que vê está sempre sob o que vê, tentando forçar a passagem em direcção ao ser puro e ao nada puro, na medida em que se instala na visão pura, que se faz visionário, mas que é remetido à sua opacidade de vidente e à profundidade do ser. Se lograrmos descrever o acesso às próprias coisas, isso acontecerá unicamente através dessa opacidade e dessa profundidade que nunca param: não há coisa plenamente observável, inspecção da coisa sem lacuna e total; não esperamos observar a coisa para dizer que está aí; ao contrário, é seu aspecto de coisa que nos convence desde logo sobre a possibilidade de observá-la. [e mais adiante] Para uma filosofia que se instala na visão pura, no sobrevoo do panorama, não pode haver encontro com o outro: pois o olhar domina e não pode dominar a não ser coisas, se cai sobre os homens, transforma-os em manequins movidos unicamente por molas». Maurice Merleau-Ponty, *O*

aqui/falta aqui, precisamente o recurso a uma dimensão imaginativa em Merleau-Ponty que lhe permitiria compreender melhor as diferentes realidades, as diferentes modalidades de consciência que os seres humanos parecem ter, nomeadamente, a consciência imaginante? Podemos perguntar pela existência de uma teoria da imaginação em Merleau-Ponty, ou, poderemos mesmo eventualmente falar de uma teoria da consciência-imagem como a existente em Sartre?

Para responder a esta questão devemos ser práticos: pensamos, tal como Isabel Matos Dias, que não há referências explícitas à imaginação neste autor, e que a existir uma teoria da imaginação, ela estará de algum modo, implícita no quadro geral da “visibilidade” e nas relações com as imagens suscitadas pela textura do real (da realidade), ou se preferirmos usar a terminologia do autor, com a *Carne*.⁶ A questão agora não é, ter ou não ter um ponto de vista crítico (claro e preciso) para a teoria da imaginação em Sartre, mas, procurar compreender o que pode ser uma tal consciência. Neste sentido, devemos começar por explicitar as teses centrais de Sartre e depois regressar ao pensamento de Merleau-Ponty.

A “consciência *imageante*” de Sartre (que traduzimos para português como “consciência *imagenizante*”),⁷ quer significar que a imagem-consciência não deve ser confundida com nenhuma forma de consciência imaginante uma vez que isso seria incorrer nos mesmos erros que os modernistas de Descartes a Bergson teriam feito. Expliquemos o seguinte: a “*conscience imageante*” não é um estar ciente-da-imagem, uma vez que isso significaria que a imagem seria uma coisa da qual se teria consciência, quer dizer, a imagem seria alguma coisa na ou dentro da cabeça.⁸

visível e o invisível, 81.

⁶ Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível – A aventura filosófica de Merleau-Ponty* (Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999), 170-171.

⁷ Neologismo por nós criado para traduzir a noção sartreana de imageante. See Paulo Alexandre e Castro, *Metafísica da Imaginação* (Lisboa: BonD-Quimera, 2006).

⁸ See Jean-Paul Sartre, *A Imaginação*, trad. de Manuel João Gomes (Lisboa: Difel editores, s/d.).

A tese principal de Sartre acerca deste tipo particular de consciência pode ser sintetizada (para o intuito deste ensaio,) nas seguintes proposições: “a imagem é (já uma forma de) consciência”,⁹ o que quer dizer que ter uma imagem é já ter (de alguma forma) consciência de alguma coisa; “a imagem tem uma estrutura intencional” (a consciência está sempre consciente de alguma coisa), e a “consciência *imageante* opera segundo um fundo afectivo-cognitivo”.¹⁰

Devemos reter destas enunciações dois conceitos-chave ou noções para o entendimento da teoria sartreana: primeiro, que a consciência “imageante” (segundo Sartre) é responsável pela nossa forma de estarmos ou melhor, pela nossa forma de sermos-no-mundo, por qualquer forma real ou irreal de se estabelecerem relações subjectivas¹¹, e segundo, que esta forma de consciência é responsável por todos os aspectos ligados à imaginação, à criação artística, numa palavra, com a diferença.

Regressando a Merleau-Ponty e acerca da imaginação, o filósofo diz-nos que ela é semelhante à percepção – que para ele é uma visão pensante ou pensamento de ver – mas que no entanto, não se presta ao exercício da reflexão, uma vez que se serve a ela própria. Serve-se a si mesmo ou sobre si mesma porque, de acordo com Merleau-Ponty, a imaginação pensa os objectos pela metade, quer dizer, pensa-os abstractamente, sem consistência e sem lugar, o que quer dizer que os objectos não são considerados (leia-se pensados) na consciência

⁹ Jean-Paul Sartre, *L'imaginaire – Psychologie phénoménologique de l'imagination* (Paris, Éditions Gallimard, 1940).

¹⁰ Veja-se por exemplo: «a principal motivação para fazer presente a imagem do amigo falecido é o desejo afectivo, isto é, o desejo de o ter presente e voltar a sentir e dar(-me) a sentir a amizade que havíamos construído. A aparição do falecido como “real” ocorre sobre um fundo de apreensão afectiva (sobre o fundo de percepção-da-ausência-de) do mundo como *vazio*. Paulo Alexandre e Castro, *Metafísica da Imaginação* (Lisboa: BonD-Quimera, 2006), 268.

¹¹ Basicamente a “conscience imageante” (pela sua intencionalidade) está dirigida, para um objecto ausente (por exemplo Pedro em Paris), para um objecto não-existente (um centauro) ou para um objecto que está presente mas não de modo posicional. Como sintetizou Paulo Perdigão, «ao imaginar, a consciência se dirige a um objeto totalmente destacado do mundo real percebido e que não mantém qualquer ligação com ele – seja por não existir em parte alguma (imagem de um centauro), seja por não estar presente à percepção (a imagem de Pedro, quando este se encontra em outro lugar; ou ainda, mesmo que Pedro se ache presente, sua imagem de há dez anos)». Paulo Perdigão, *Existência e Liberdade* (Porto Alegre: L&PM Editores, 1995), 42.

perceptiva, na sua totalidade e integridade ontológico; eles são (como que) meios objectos para a imaginação.¹² Diz-nos o filósofo:

assim, o real se transforma no correlativo do pensamento, e o imaginário é, no interior do mesmo domínio, o círculo estreito dos objectos de pensamento pensados pela metade, meio objetos ou fantasmas que não possuem consistência alguma, lugar próprio, desaparecendo ao sol do pensamento como os vapors da manhã, não consistindo, entre o pensamento e o que ele pensa, mais do que uma fina camada do impensado.¹³

A imagem sendo uma quase-presença não seria “vista”, quer dizer, sendo uma quase-presença não atingiria a plenitude da visibilidade ou a presence total. A imagem em Merleau-Ponty é a própria espessura e textura da realidade, e por isso «a imagem não pode definir-se como representação ou presença de uma ausência. A imagem é iminência de coincidência ou invisível de direito»,¹⁴ e para usarmos as palavras de Isabel Matos Dias, “é participação na Carne, metamorphose do Ser em ser Visão”.¹⁵ É na textura do real, no encontro com a Carne que o quiasma tem lugar, e assim o jogo da reversibilidade visível/invisível manifesta a aparição da dimensão ontológica daquilo que se dá a ver. Nesse sentido, a imaginação não pode ser uma faculdade do espírito mas em vez disso expressa a dimensão do poder criativo da “Carne”, e assim o filósofo,

¹² «A percepção é o pensamento de perceber quando é plena ou actual. Se, pois, atinge a própria coisa, é preciso dizer, sem contradição, que é inteiramente um feito nosso e, de uma ponta à outra, nossa, como todos os nossos pensamentos. Aberta sobre a própria coisa, não deixa de ser menos nossa, porquanto a coisa é, doravante, o que pensamos ver – *cogitatum* ou noema. Não sai mais do círculo dos nossos pensamentos do que a imaginação, também ela pensamento de ver, mas pensamento que não procura o exercício, a prova, a plenitude, que se presume, portanto, a si mesma e só se pensa pela metade». Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, 39.

¹³ Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, 39-40.

¹⁴ Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível – A aventura filosófica de Merleau-Ponty* (Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999), 172.

¹⁵ Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível – A aventura filosófica de Merleau-Ponty* (Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999), 172.

reenvia a imagem e o imaginário ao corpo e à Carne, e não à consciência ou à imaginação. Tal implica inseri-las no horizonte da ontologia. Neste sentido real e imaginário são “elementos”, no sentido de Bachelard, ou campos do ser, estabelecendo-se entre o real e o imaginário uma relação de quiasma e de contaminação (...) A Carne é, para Merleau-Ponty, dotada de “poderes Oníricos”, e o sonho está inscrito na Carne, Ser Onírico.¹⁶

Na verdade, tal como Maugarlone sublinha, o tema da oposição entre real e imaginário não é aplicável, pouco interessa a Merleau-Ponty.¹⁷ A crítica de Merleau-Ponty à teoria da imaginação de Sartre sugere que a imaginação por mais “real” que possa ser, não nos faz mover na direcção do real.¹⁸ Naturalmente poder-se-ia objectar como certamente Sartre o faria, que é o imaginário, que é a partir do imaginário, que se confere sentido à realidade, que se enriquece o real com diferentes sentidos e significados.

Para Sartre o conceito de “imagem” como consciência é algo que lhe permite re-criar a vida psíquica na vida quotidiana. Já em Merleau-Ponty o sentido da vida vem da compreensão que se obtém através do “quiasma”. O que que isto dizer? Vejamos, se nos recordarmos do livro

¹⁶ Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível*, 170-171.

¹⁷ «La phénoménologie de Merleau-Ponty n'oppose pas le réel à l'imaginaire mais l'objectif au constitutif. Suspendre comme le fait Cézanne la perception pragmatique, ce n'est pas dissoudre le réel dans l'imaginaire, c'est revenir à une vérité archaïque et toujours présente en sa profondeur, à l'époque transcendantale où les objets ont émergé de la vibration des apparences». François George Maugarlone, *Le Concept d'Existence – Deux Études sur Sartre* (Paris : Christian Bourgois éditeur, 2005), 183.

¹⁸ «O simples facto, amiúde observado, [Merleau-Ponty refere-se à Imaginação de Sartre] que a imaginação é mais verosímil, mais conforme ao contexto da expressão não nos faz avançar um passo na direcção da “realidade”, sendo imediatamenteposta por nós do lado do imaginário, e que, inversamente, tal barulho absolutamente inesperado e imprevisível é de imediato percebido como real, por fracas que sejam as suas ligações com o contexto, impõe a ideia de que se trata, com o “real” e o “imaginário”, de duas ordens, dois “palcos” ou “teatros” – o do espaço e o dos fantasmagóricos – montados em nós antes dos actos de discriminação, que apenas intervêm nos casos equívocos, e onde o que vivemos vem instalar-se por si, fora de todo controlo criteriológico». Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, trad. José Artur Gianotti e Armando M. d’Oliveira (São Paulo: Editora Perspectiva, 2000), 47.

Também numa nota de 1960 (inserida nesta mesma obra, p. 239) Merleau-Ponty reafirma esta mesma posição: «[o imaginário] É para Sartre negação da negação, uma ordem em que a nadificação se aplica a si própria, e assim vale como posição do ser, embora não seja inteiramente o seu equivalente, e ainda que a menor parcela de ser verdadeira, transcendente, reduza imediatamente o imaginário [...] O imaginário como lugar da negação de si. O ser e o imaginário são para Sartre “objectos”, “entes”».

O *Olho e o Espírito*,¹⁹ o jogo enigmático e reflexivo a partir do qual a visibilidade se mostra, isto é, no qual a imagem surge como expressão do duplo e reflexivo sentimento de ser sujeito e objecto, justifica o estranho sistemas de trocas e ao mesmo tempo, a continuidade do corpo no ambiente do mundo.

O que Merleau-Ponty está a dizer é que a imagem não tem por objecto mostrar as coisas visíveis, mas em vez disso mostrar a visibilidade das coisas. Assim, manifestar a visibilidade das coisas requer o secreto trabalho da “Carne”, onde tudo parece ocorrer, quer dizer, onde a génesis das coisas íntimas visíveis toma lugar. Curiosamente em Sartre, tudo parece participar no “Em-Si” (“En-soi”).

O existencialismo de Sartre parte verdadeiramente da dupla concepção do *Ser e o Nada*, o que significa que para o filósofo o a existência precede a essência, e o resultado torna-se inevitável: ser, é sempre ser no mundo, é estar ciente do meu corpo no mundo.

Assim, o que se está a tentar dizer é que apesar destas duas abordagens, os filósofos chegam a uma conclusão similar: ter uma imagem deve ser, de alguma maneira, estar consciente da posição das coisas, da posição que os sujeitos têm no mundo, ou seja, estar consciente da visibilidade do fenómeno da vida humana.

A mente incorporada(*embodied mind*) tão cara a Merleau-Ponty, e que Sartre também desenhou,²⁰ levará a que os mais proeminentes filósofos da mente pensem sobre o problema mente-corpo.

Regressando ao nosso ponto de partida, pergunta-se se existe uma teoria da imaginação em Merleau-Ponty e qual a sua posição em relação à imaginação? Pode-se afirmar, que de certa forma, Merleau-Ponty concorda que a nossa experiência pode variar na imaginação, significando isto que, que podemos ir do real para o virtual

¹⁹ Maurice Merleau-Ponty,, *L’Oeil et L’Esprit* (Paris : Folio-Gallimard, 1964).

²⁰ Posição que defendemos no ensaio: «Sobre a atualidade da Consciência Imagenizante em Sartre ou como encontrar um espaço de diálogo em Damásio sobre a imagem-consciência», *Phainomenon - Revista de Fenomenologia*, Nº 12, (2006): 157-180.

(irrealidade ou outra forma de realidade), isto é, podemos dar-nos uma certa margem de manobra relativamente a ela. No entanto, e este é o ponto central, não podemos segundo Merleau-Ponty, “completar” o circuito por meio do qual o real poderia simplesmente tornar-se uma variante do possível. Escreve o filósofo que n’ *O Visível e o Invisível*: «pelo contrário, são os mundos possíveis e as coisas possíveis que são variantes e duplas do mundo actual e dos seres reais».

Se nos recordarmos da teoria sartreana, o processo de imaginação requer o acto perceptivo, e aquilo que Merleau-Ponty nos diz no seu pensamento tardio (*O Visível e o Invisível*) é que o mundo “é muito mais do que o correlativo da minha visão, de modo que ela impõe a minha visão sobre mim como uma continuação da sua própria existência soberana”, o que significa que a consciência caracterizada pela sua estrutura de intencionalidade não pode mais encaixar-se no propósito de pensar uma noção como a percepção, uma vez que foi visto como uma auto-revelação do sentido do mundo.

Para Merleau-Ponty ver é assim muito mais do simples acto de olhar, muito mais do que o *noema* de Husserl. Ver é entrar na dimensão do Ser, é entrar no tecido do Sensível onde os corpos perceptivos se dão a (ver) si mesmos e se dão a ver, é participar no jogo da (in)visibilidade da Carne. O corpo, sendo ele mesmo visível, usa a sua visibilidade para participar no mundo. Esta reversibilidade que se joga entre visível e invisível, problematiza a intencionalidade tão cara aos filósofos, aos fenomenologistas e permite abolir o modelo acto/objecto, e tem-se assim a imagem das “dobras” e do corpo como lugar a partir do qual o *Sensível* se revela. A vida é já uma mergulho imaginativo na realidade e por isso, R. Barbaras diz que a fenomenologia de Merleau-Ponty supera a vida biológica e metafórica.²¹

²¹ Cf. R. Barbaras «A Phenomenology of Life» in T. Cartman, M. Hansen (eds), *The Cambridge Companion to Merleau-Ponty* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), 211.

Merleau-Ponty and Jean-Paul Sartre: between visible and imagination.

Paulo Alexandre e Castro¹

Is there any theory of imagination in Merleau-Ponty's works? Could it be just a simple theory of image, and how can that be understood in his main theory of perception? And in the dialogue between Merleau-Ponty and Sartre, is there a mistake in Merleau-Ponty's interpretation of the concept of "conscience imageant" of Sartre's theory of imagination?!

We will start this approach by taking the reading that our author makes of the early work of Sartre *The Imaginary* (*L'Imaginaire*). We gone use two references for this: first, the book that is called *The Visible and the Invisible* (*Le visible et l'invisible*, and sdcondly, the critical reading made in the *Journal de Psychologie Normale et Pathologique* in 1936.²

¹ Research member of CEHUM (ILCP) Minho University (braga-Portugal) and Centre of Philosophy – Lisbon University (Portugal). For more info about the author see: <http://pauloalexandrecastro.webs.com>

² Merleau-Ponty makes a critical reading of *The Imaginary* in the *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, 33e année, N.º 9-10, Nov-Déc., 1936, pp. 756-761 [Maurice Merleau-Ponty, *Parcours 1935-1951*, Verdin, 1997, pp. 27-54]; It's a general reading of the book of Sartre, and that underscores the haste of Sartre when read Bergson and Husserl, but it's very curious that Merleau-Ponty does not says the places where that hurry takes place: «On exagérerait en disant que J.-P. Sartre est toujours équitable. Il est possible, par exemple, de trouver un sens plus profond aux ‘images’ de *Matière et Mémoire*. On pourrait penser qu'en représentant le monde comme un ensemble d’‘images’, Bergson a voulu suggérer que la “chose” ne devait être ni résolue en “états de conscience” ni cherchée au-delà de ce que nous voyons, dans une réalité substantielle. Ce serait justement, dans un langage beaucoup moins précis, un pressentiment du *noema* de Husserl. De même on peut trouver que Sartre juge sévèrement la distinction de matière et forme dans l'image, quand il la trouve chez certains psychologues, et accorde trop vite à Husserl sa distinction de *Hylé* et de *morphe*, - un des points de sa doctrine qui ont été contestés en Allemagne même et offrent en fait le plus de difficultés. Mais ces injustices, s'il y en a, sont recouverts par les rares mérites de l'ouvrage: la rigueur et la vigueur de la pensée critique, le bonheur constant de l'expression».

If in the short essay of the *Journal*, Merleau-Ponty only draws attention to the haste with which Sartre would read Bergson and Husserl, it is in *The Visible and the Invisible* – which have by interlocutors Husserl and Sartre –, that Merleau-Ponty maintain an almost constant dialogue with Sartre, by making constant references to him, or making the most criticism lecture of his philosophy, the “philosophy of negative thinking”.³

For Merleau-Ponty such philosophy can only fly over things (thinking over) and fly over the ‘world’ and never get them.⁴ This thought of over flight, according to Merleau-Ponty, is a thought that is not enough to "living things", meaning, that is not rooted, that do not dive into things. So, in the analytic of Being and Nothingness, according to this author, we can only have an opacity of thought that do not lead us to things or to the encounter with the Other, with true subjectivity, with the real world, once we are installed in a philosophy of pure vision (this means that the vision is not an immediate relationship between the *pour-soi* with the *en-soi*).⁵

³ About the debate between Merleau-Ponty and Sartre we can see, among others, this works: John Stewart, *The debate between Sartre and Merleau-Ponty* (Evanston, Illinoian: Northwestern University Press, 1998); the article of Sartre, «Merleau-Ponty vivant» in *Situations IV* (Paris, Gallimard, 1964); the interview with Bernard-Henri Lévy, in *Magazine Littéraire* n.º 384, Feb. 2000, 22-27.

About this dialogue (which is not always explicit): Merleau-Ponty in his main work – *Phénoménologie de la Perception* – put in the bibliography all the Works of Sartre (at that time) but it doesn't make any reference in the chapters of the second part (only in the first part sometimes) like «I. Le Sentir», «II. L'Espace» e «III. La chose et le monde naturel», which are the chapters where are analyzed the concepts of 'movement', 'hallucination', and others, that Sartre have analyzed in the *Imaginary*; there are no reference at all about Sartre's books and instead Merleau-Ponty quotes for example, among others, Minkowski, Schröder, Alain, Koffka e Straus.

⁴ See Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, trad. José Artur Gianotti e Armando M. d'Oliveira [Gallimard, 1964], São Paulo, Editora Perspectiva, 2000, p. 74. Originally published in Gallimard in 1964.

⁵ «A visão não é relação imediata do Para-Si com o Em-Si; somos convidados a redefinir tanto aquele que vê quanto o mundo visto. A analítica do Ser e do Nada é aquele que vê esquecendo-se de que possui um corpo e de que aquilo que vê está sempre sob o que vê, tentando forçar a passagem em direção ao ser puro e ao nada puro, na medida em que se instala na visão pura, que se faz visionário, mas que é remetido à sua opacidade de vidente e à profundidade do ser. Se lograrmos descrever o acesso às próprias coisas, isso acontecerá unicamente através dessa opacidade e dessa profundidade que nunca param: não há coisa plenamente observável, inspeção da coisa sem lacuna e total; não esperamos observar a coisa para dizer que está aí; ao contrário, é seu aspecto de coisa que nos convence desde logo sobre a possibilidade de observá-la. [e mais adiante] Para uma filosofia que se instala na visão pura, no sobrevoô do panorama, não pode haver encontro com o outro: pois o olhar domina e não pode dominar a não ser coisas, se cai sobre os homens, transforma-os em manequins movidos unicamente por molas». Maurice Merleau-Ponty, *O*

But doesn't fails here, doesn't miss here, precisely an imaginative dimension for the system of Merleau-Ponty to understand better different kinds of realities, of consciences that human beings seems to have? So, can we ask about a theory of imagination in Merleau-Ponty, or can we speak in a theory of the conscience-image such as in Sartre? We think, like Isabel Matos Dias, that there is no explicit references to the imagination in this author, and if there was a theory of imagination, it is implicit in the designs taken within a frame of 'visibility' and with the relations of the images with the texture of the real (reality), or if you prefer, with the 'Flesh'.⁶

The question now is not, to have or not to have a critical point of view (clear and precise) to the theory of imagination in Sartre, but instead, to understand what can be such kind of conscience. So, we should start by explain the main sartrean thesis and then return to the thought of Merleau-Ponty.

The “conscience imageant” from Sartre (that we translate to Portuguese as “consciência imagenizante”)⁷, that is to say the image-conscious should not be confused with an imaginative kind of conscious (imagining consciousness), because that would be to commit the same mistake that the theories of modernity, especially from Descartes to Bergson, have done.

Let us explain: the “conscience imageante” is not a aware-of-image, because that would mean that the image would be a thing of which there was conscience, that is to say, that the image was something inside/in the head.⁸

The main thesis of Sartre about this type of consciousness can be synthesized (for the purpose of this essay) in the following three assertions: “the image is (already) a conscience”⁹, which means that to

visível e o invisível, p. 81.

⁷ See Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível – A aventura filosófica de Merleau-Ponty*, Lisboa, Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999, pp. 170-171.

⁸ See Paulo Alexandre e Castro, *Metafísica da Imaginação* (Lisboa: BonD-Quimera, 2006).

⁹ See Jean-Paul Sartre, *A Imaginação*, trad. de Manuel João Gomes (Lisboa: Difel editores, s/d.).

have a image is already to have conscience of something; “the image has a intentional structure” (the conscience is always aware of something), and “the ‘conscience imageante’ operates within a affection-cognitive background ”¹⁰. For this purpose, we must retain two key concepts or notions: first, that consciousness ‘imageante’ (according to Sartre) is responsible for our way of being, for being-in-the-world, for all the real or unrealistic relations of subjectivity¹¹, and second, that this form of consciousness is responsible for all the aspects connected with imagination, artistic creation, in a word, with the difference.

Returning to Merleau-Ponty and about imagination, he tell us that although like perception – he calls a seeing thought – however does not lend itself to the exercise of reflection, once it suites itself. And it suites on itself because in fact, according to our author, the imagination thinks the objects in a half way, that is, think them as something abstract, without consistency and without place, which means that the objects are not considered (should be said instead thought) within the frame of perceptual awareness, that is, in its ontological entirety and integrity; they are half-objects to the imagination.¹² That’s what the philosopher tell us:

⁹ Jean-Paul Sartre, *L'imaginaire—Psychologie phénoménologique de l'imagination* (Paris, Éditions Gallimard, 1940).

¹⁰ See our example: «the main motivation to become present the image of my deceased friend is my desire-affection of him that means the desire of having him present and to feel again the friendship that we have started. The ‘appearance’ of the deceased as ‘real’ takes place through an apprehension of affective background (background of perception-in-absence-of) in the world felt as empty [senseless]». Paulo Alexandre e Castro, *Metafísica da Imaginação* (Lisboa: BonD-Quimera, 2006), 268.

¹¹ Basically the ‘conscience imageante’ (intentionally) directs toward an absent object (for example Peter in Paris), a non-existent object (a centaur) or an object that is present but not in a positional way. Has synthesized Paulo Perdigão, «when imagining, the conscience goes to an object that doesn’t belong to the real world of perception and it doesn’t keep any kind of relationship with him – whether be a non-existing object (the image of a centaur), a object that is not present at perception (the image of Peter, when Peter is at a different place, or even that Peter is at our side, his image from ten years ago)». Paulo Perdigão, *Existência e Liberdade* (Porto Alegre: L&PM Editores, 1995), 42

¹² «A percepção é o pensamento de perceber quando é plena ou actual. Se, pois, atinge a própria coisa, é preciso dizer, sem contradição, que é inteiramente um feito nosso e, de uma ponta à outra, nossa, como todos os nossos pensamentos. Aberta sobre a própria coisa, não deixa de ser menos nossa, porquanto a coisa é, doravante, o que pensamos ver – *cogitatum* ou noema. Não sai mais do círculo dos nossos pensamentos do que a imaginação, também ela pensamento de ver, mas pensamento que não procura o exercício, a prova, a plenitude, que se presume, portanto, a si mesma e só se pensa pela metade». Maurice

the real becomes the correlative of thought, and the imaginary is, within the same area, the narrow circle of objects of thought thought by half, half objects or ghosts that do not have any consistency, place itself, disappearing in the sun of thought as the steams of the morning, not consisting, between the thought and what he thinks, more than a thin layer of unthinkable».¹³

The image being a quasi-presence would not be seeing, that is, being a quasi-presence does not reach the fullness of visibility or the total presence. The image on Merleau-Ponty is the very thickness and texture of reality, and therefore the image «cannot define itself as representation or presence of an absence. The image is imminence of coincidence or invisible in law»,¹⁴ using the words of Isabel Dias, Dias, “its not representation but participation in the Flesh, metamorphosis of Being in being vision”.¹⁵ The imagination cannot be a faculty of spirit but instead an expressive dimension of the creative power of the ‘Flesh’, and so the philosopher,

resends the image and the imaginary to the body and to the Flesh, and not the consciousness or the imagination. This implies insert them in the horizon of ontology. In this sense real and imaginary are "elements" in the sense of Bachelard, or fields of being, settling between the real and the imaginary one chiasm relationship and contamination (...) The Flesh is to Merleau-Ponty, endowed of "dream-powers" and the dream is embodied in Flesh, Being Oniric.¹⁶

Indeed, as Maugarlone highlights, the theme of the opposition between real and imaginary is not applicable, it doesn't really matter to

Merleau-Ponty, *O Visível e o Invisível*, 39.

¹³ Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, 39-40.

¹⁴ Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível – A aventura filosófica de Merleau-Ponty* (Lisboa: Edição do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 1999), 172.

¹⁵ Isabel Matos Dias, *Ibidem*.

¹⁶ Isabel Matos Dias, *Uma Ontologia do Sensível*, 171.

Merleau-Ponty.¹⁷ Thus, criticism of Merleau-Ponty to the theory of imagination in Sartre suggests that the imagination for more 'real' that could be, doesn't make us move in the direction of the real.¹⁸ Of course we can always object, as Sartre would certainly do, that is the imaginary that gives a meaning to reality, that enriches the real with different senses and meanings. For Sartre this concept of 'image' as awareness is something that allows him to re-create his psychic life in everyday-life. In Merleau-Ponty the meaning of life should come from the understandings that take out in the '*Chiasm*'. What does this mean? For instance if we recall the book *L'Oeil et L'Esprit*,¹⁹ the enigmatic and reflexive game in which visibility arises, that is, in which a image comes as expression of the double and reflexive feeling of being subject and object, justifies the exchanges and the same time the continuity between the body within the environment.

What Merleau-Ponty is saying is that image doesn't have for object to show visible things but instead to show the visibility of things. So, to manifest the visibility of things requires the secret work of 'Flesh' where everything seems to takes place, that is, where the genesis of

¹⁷ «La phénoménologie de Merleau-Ponty n'oppose pas le réel à l'imaginaire mais l'objectif au constitutif. Suspender comme le fait Cézanne la perception pragmatique, ce n'est pas dissoudre le réel dans l'imaginaire, c'est revenir à une vérité archaïque et toujours présente en sa profondeur, à l'époque transcendante où les objets ont émergé de la vibration des apparences». François George Maugarlone, *Le Concept d'Existence – Deux: Études sur Sartre* (Paris : Christian Bourgois éditeur, 2005), 183.

¹⁸ «O simples facto, amiúde observado, [Merleau-Ponty refere-se à *Imaginação* de Sartre] que a imaginação mais verosímil, mais conforme ao contexto da expressão não nos faz avançar um passo na direcção da "realidade", sendo imediatamente posta por nós do lado do imaginário, e que, inversamente, tal barulho absolutamente inesperado e imprevisível é de imediato percebido como real, por fracas que sejam as suas ligações com o contexto, impõe a ideia de que se trata, com o "real" e o "imaginário", de duas ordens, dois "palcos" ou "teatros" – o do espaço e o dos fantasmas- montados em nós antes dos actos de discriminação, que apenas intervêm nos casos equívocos, e onde o que vivemos vem instalar-se por si, fora de todo controle criteriológico». Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível*, trad. José Artur Gianotti e Armando M. d'Oliveira (São Paulo: Editora Perspectiva, 2000), 47.

In a footnote of 1960 (in this same book, p. 239) Merleau-Ponty states the same position: «[o imaginário] É para Sartre negação da negação, *uma ordem em que a nadificação se aplica a si própria*, e assim vale como posição do ser, embora não seja inteiramente o seu equivalente, e ainda que a menor parcela de ser verdadeira, transcendente, reduza imediatamente o imaginário [...] O imaginário como lugar da negação de si. O ser e o imaginário são para Sartre "objectos", "entes"».

¹⁹ Maurice Merleau-Ponty, *L'Oeil et L'Esprit* (Paris : Folio-Gallimard, 1964).

intimate visible things takes place. Curiously in Sartre, everything seems to participate in the 'En-soi'.

The Sartre's existentialism truly becomes from the conception of the double *Being and Nothingness*, which means that, for the philosopher existence precedes essence, and the result became inevitable: to be, is always to be in the world, to be awareness of my body in the world.

So, what I'm trying to tell is that, besides these two approaches, the phenomenologist's came closer to the similar conclusion: to have an image must be, somehow, to be awareness of the position that things/subjects have in world, that is, to be awareness of the visibility of the phenomenon of human life.

The embodied mind so dear to Merleau-Ponty, and that Sartre have also sketched in his main work,²⁰ will lead some of the most proeminent philosophers of the mind to think about the mind-body problem.

So, returning to our starting point, if there isn't a theory of imagination in Merleau-Ponty, what's there position about it? In a certain way, Merleau-Ponty agrees that we can vary our experience in imagination, meaning that, we can go from the real world to the virtual, that is, we can give ourselves leeway. However, and this is the point, we cannot "complete" the circuit by which the real would become simply a variant of the possible. He writes in the *Visible and invisible*: «On the contrary, it is the possible worlds and possible things that are variants and doubles of the actual world and of actual beings».

If we recall from Sartre, the process of imagining requires the act of perception, and what Merleau-Ponty tell us in his late thought (*Visible and invisible*) is that the world “is much more than the correlative of my vision, such that it imposes my vision upon me as a continuation of its own sovereign existence”, which means that a consciousness

²⁰ We defend this point of view in: «Sobre a atualidade da Consciência Imagenizante em Sartre ou como encontrar um espaço de diálogo em Damásio sobre a imagem-consciência», *Phainomenon - Revista de Fenomenologia*, N° 12, (2006): 157-180.

characterized by its intentional structure can no longer fits the purpose of thinking a notion such as perception, once it was viewed as a self-revelation of the sense of the world.

For Merleau-Ponty to see is so much more than the act of seeing, so much more than the noema of Husserl. Seeing is to get into the dimension of Being, it's entering in the tissue of Sensible where the perceiving bodies meet themselves, is to participate in the game of (in)visibility of the Flesh. The body, being itself visible, uses its being to participate in the visibility of the world. This reversibility between visible and invisible, problematizes the intentionality so dear to philosophers, to phenomenologists once it abolishes the model act/object, and one has the image of a fold, and of the body as the place of this fold by which the *Sensible* reveals itself. Life is already an imaginative diving in reality, that is why R. Barbasas says that the phenomenology of Merleau-Ponty overcome the biological and metaphoric life.²¹



²¹ Cf. R. Barbasas «A Phenomenology of Life» in T. Cartman, M. Hansen (eds), *The Cambridge Companion to Merleau-Ponty* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), 211.